

Paciência

A paciência é uma virtude que precisamos, enquanto mães, crescer cada vez mais. Eu tenho sete filhos, mas certamente eu não tinha a mesma quantidade de paciência que eu tenho hoje. Ao longo do tempo eu fui desenvolvendo a virtude da paciência. E para desenvolvermos uma virtude, para pensarmos no que desejamos e onde queremos chegar, é importante pensarmos sobre ela. O que é essa virtude até porque quando começamos a pensar sobre ela os nossos olhos começam a brilhar. O nosso coração começa a encher e falar “eu quero ser assim”. E é possível sermos assim.

A paciência não é algo, ou virtude, ou uma qualidade de poucas pessoas. A paciência, como qualquer virtude, é algo que vamos desenvolvendo ao longo do tempo, e exige de nós bastante esforço. Ou seja, não é algo que simplesmente está lá.

A paciência é o rosto cotidiano do amor. Ou seja, nós amamos, e amamos os nossos filhos e marido. Que são as pessoas mais próximas de nós. E como que nós expressamos esse amor? Esse rosto cotidiano, ou seja, essa forma do amor? É expressado na paciência. Só o amor é causa de paciência. Para que tenhamos paciência é preciso termos amor. A paciência é uma consequência desse amor.

A impaciência tem a ver com a falta do amor. O problema não é nem tanto a quantidade de amor que você tem em relação ao seu filho. Mas o amor demasiado que tem em relação a você mesma. Ou seja, você acaba se colocando na frente do seu filho.

Sem dúvidas, fazemos muito por nossos filhos. No entanto, a forma como vemos as coisas, o desejo que gostaríamos de estar olhando para nós mesmos, o

amor desordenado que temos em relação a nós, nos faz ter dificuldade de sofrer pelo outro. De padecer pelo outro. E vamos explorar mais um pouco isso. As nossas impaciências tem a causa do nosso amor próprio egoísta. A paciência é o rosto cotidiano do amor. No cotidiano, o nosso amor será expresso através da paciência.

Paciência, “pati” vem do latim e significa padecer. A paciência é a capacidade de padecer de maneira digna. Capacidade de suportar as contrariedades com elegância. A paciência não é meramente uma resignação, ela vai além do esforço de suportar os outros. Suportar no sentido de aguentar os outros. A paciência é um esforço por ser suporte dos outros, e não apenas suportar os outros. Ser de fato suporte. É esse alguém que sustenta os outros com a sua própria estabilidade.

Nós temos que ser pacientes como o lavrador que lavra a terra, e que aguarda o precioso fruto que a terra vai dar. O fruto tem todo um processo, cuidamos da terra, jogamos a semente, depois regamos ou o tempo rega, precisamos esperar as estações do ano até que se forme a planta, depois a flor, e depois então o fruto, para que consigamos colher. Nós temos que tratar as pessoas não como coisas que estão dadas. Precisamos conseguir olhar as pessoas como esse bom fruto que vai amadurecendo ao longo do tempo, nós não podemos deixar-se dominar à pressa de colher logo o fruto da educação que damos aos nossos filhos. Ou seja, nós imaginamos que vamos orientá-los uma e outra vez, e que já será resolvido. Não, as pessoas são como um bom um vinho. Que vão ficando cada vez mais saborosos a medida que vão amadurecendo.

Educar, portanto, é cultivar, é criar raízes, é deixar que as raízes fiquem cada vez mais profundas. É deixar passar o dia e a noite. A educação se dá ao longo de toda uma vida da criança. O dia vai funcionar, cada vez que surge, funciona como um novo recomeço. Uma nova esperança. Um novo sulcar naquela terra, para colocar aquela semente. O dia é essa nova esperança para que você faça hoje mais um pouco. E a noite vai funcionar como uma consolidação desse dia de esforço. Mesmo que esse dia de esforço tenha sido somente observar a

criança, ou tirar ervas daninhas. Ou podar um pouco, para que consiga crescer mais. Esse é o processo de educação.

Nós vamos no final do dia fazer um saldo do que nós conseguimos fazer bem, do que não fizemos tão bem assim. Para podermos seguir, e no outro dia, no dia seguinte, uma nova esperança surgir, e possamos cuidar um pouco mais dessa plantinha.

No fim, ao longo do tempo, a história dessa criança, essa biografia vai sendo escrita aos poucos. E essa biografia vai sendo escrita aos poucos. E vai se escrevendo com o protagonismo da criança, porque ela que está vivendo aquela vida. mas certamente com a nossa ajuda. Nós vamos ajudando aquela criança a ser formada, a ser cuidada, a ser lapidada, a crescer de fato. A paciência nos leva a compreender as almas, com um bom vinho que melhora com o tempo.

E tem algumas coisas que atrapalham a nossa paciência. Por que não conseguimos ser pacientes?

Primeiro motivo, nós estamos imersos numa cultura imediatista. Ou seja, nós precisamos de tudo para ontem. Principalmente agora com as redes sociais. Nós queremos o resultado imediato, nós queremos resolver os problemas na hora. Nós perdemos um pouco essa paciência, esse cuidado do lavrador que precisa esperar para que as coisas amadureçam. Esse cuidado das pessoas atentas, que tem paciência para que as pessoas se desenvolvam. Aqui estou falando em relação a crianças, mas isso se aplica muito também na nossa vida matrimonial. Nós queremos muitas vezes que a pessoa que está ao nosso lado se resolva de uma vez. Só que é necessário que um tempo de maturação. É necessário colocar uma série de elementos para que o fruto consiga acontecer. É necessário essa passagem do tempo, essa noite que vem, e esse dia que volta a acontecer. Essa cultura imediatista acaba nos atrapalhando um pouco.

É uma obra de amor ensinar os ignorantes, e corrigir as pessoas que erram. E isso exige tempo. É necessário fazer isso, é de fato uma obra de amor. Ensinar as pessoas que ignoram algo, e corrigir os que erram, é próprio das mães.

Não querer ensinar aos nossos filhos, não querer corrigir os nossos filhos, é uma obra de desamor. Deixar com que façam tudo e descubram tudo sozinhos, ou se lasquem lá na frente sozinhos, é uma obra de desamor. A paciência é, portanto, na educação, ensinar um dia e outro como deve ser feito, onde está o caminho que precisa seguir. Corrigir quando não está fazendo da melhor forma.

E as vezes nós pais podemos entender isso, só que na prática acabamos fazendo de outro jeito. Acabamos deixando que a criança faça as coisas por si mesma. E pior ainda, depois cobramos dela sem que tenhamos ensinado antes. Sem que tenhamos corrigido. Nós acabamos não sabendo muito bem, acabamos sendo injustos com ela. Porque estamos cobrando uma coisa que não foi ensinada.

Além disso, essa cultura imediatista, faz com que não consigamos pensar por conta do barulho do mundo. Nós estamos o tempo inteiro pensando e tendo uma vida ativista. Achando que precisa levar o filho para tal e tal atividade, para ele desenvolver, e vamos nos irritando porque queremos tudo de forma muito imediata.

Se a criança não faz xixi rápido, se ela não dorme rápido, se ela não se desenvolve rápido, no sentido do sono. Se ela não desenvolve logo a sua alimentação, nós vamos ficando muito nervosas. Porque temos outras coisas para fazer, temos mais o que fazer. O mundo vai nos reclamando uma série de coisas, e vamos ficando pouco pacientes. Acabamos não tendo tempo para parar, analisar, se recolher, fermentar aquilo dentro de nós, pensar na educação do meu filho.

A cultura imediatista nos deixa impacientes.

Outra coisa é a maternidade como um direito. Ou seja, quando pensamos que queremos ser mães. Nós pensamos quase que como um conto de fadas. Nós pensamos na nossa gestação. Em como vai ficar a nossa gestação, em como será o bebê. Como ele vai me satisfazer enquanto mãe. Coloco todos os meios, para que consiga satisfazer esse desejo de ser mãe. E quando nasce o bebê, e você vê

a coisa não é bem assim, que o conto de fadas não vai acontecer. Que o seu casamento vai ficar um pouco abalado com a chegada do bebê. Que você vai ficar noites sem dormir. Que vai sentir dor ao amamentar. Que vai ficar com uma barriga mole, talvez cheia de estrias, talvez flácida. Vai ter dificuldade de continuar indo para a ginástica, e trabalhando. Isso tudo desmorona, e você se pergunta “onde está aquela maternidade maravilhosa?”

Ser mãe é realmente uma maravilha, no entanto, as coisas que são árduas, as coisas que são maravilhosas nesse mundo, exigem muito de nós. A maternidade nos consome desde do primeiro momento em que ficou grávida. Assim que temos um bebê na nossa barriga, ele nos consome, literalmente, consome o nosso ferro, nosso zinco, nosso magnésio. Consome o nosso físico, a nossa energia. Fazendo com que fiquemos mais cansadas.

E esse consumo vai acontecer até o final da nossa vida materna. E isso não é um problema, isso é em si a maternidade. Isso é em si dar a luz. Dar a luz a alguém é ser consumida, assim como uma vela que é consumida para dar energia, luz que ilumina, a maternidade é em si, e não só na hora da gestação e do parto. Para sempre será assim, isso é próprio da maternidade. Esse papo de que ama o filho, mas não ama a maternidade, isso é uma dissociação. Porque é próprio da maternidade ser assim. É como você gostar de ser médico, e não gostar de atender os pacientes, fazer prescrição, ouvir o que eles tem a te dizer.

Quando olhamos para a maternidade como um direito, e não como um dever, um dever no sentido que você tem sim um órgão dentro de você, e ele é cultivador de vida. É próprio das mães, das mulheres fazerem isso. Aqui não vamos entrar no aspecto das mulheres que não podem ter filhos. Mas o próprio da mulher é isso.

Um outro ponto é a autocompaixão, o vitimismo. Nós vivemos em um momento da nossa vida, que nós temos uma incapacidade de sofrer e de sentir dor. Qualquer coisa que nos deixa um pouco mais desconfortáveis, é motivo de muita reclamação, seja o frio, seja o calor, a fome, qualquer coisa. E não conseguimos ficar quieta sofrendo. Nós precisamos verbalizar. Nós precisamos

falar, botar para fora, para que impactemos o outro com o nosso sofrimento, e ele se compadessa de nós. Nós temos que fato conseguir que nos ocupemos cada vez menos de nós mesmas. De ficar olhando para dentro, para as minhas necessidades, do que eu preciso, porque isso vai inflando você mesma, e qualquer coisa que atrapalhe esse seu inflar, vai ser um problema. Mesmo que seja esse seu atrapalhar seja o seu próprio filho.

Na hora que ele te atrapalha na sua noite de sono, ao olhar o celular, a que você trabalhe, a que fique com seu marido, você olha o seu filho, de alguma maneira, como o seu inimigo. Ou seja, você fica impaciente com ele. Você gostaria que ele se resolvesse de outra forma. E você precisa de uma babá, de uma mãe, sempre de uma ajuda, porque você não tem a capacidade de padecer aquilo que é próprio seu, que é a sua responsabilidade sozinha. Sem precisar expor isso para todo mundo.

Além disso, esse vitimismo vem um pouco dessa imaginação que temos. Ficamos comparando a nossa vida com outras pessoas, nós olhamos uma pessoa que não está reclamando da maternidade, e imaginamos que o filho dela não faça birra, que não durma a noite, que o filho dela tenha dificuldades para dormir. Imaginamos que o outro não tenha trabalho. E isso não é verdade, porque educar uma pessoa, estar com uma pessoa sobre a nossa responsabilidade, sempre é difícil. Só que existem pessoas que reclamam, e existem pessoas que não. Que conseguem levar aquilo com paciência e amor.

Quanto mais amor temos, quanto mais generosas nós somos, menos paciência nós precisamos ter. No sentido de que a paciência já vai vir totalmente unida a essa generosidade, a essa entrega. Porque a pessoa simplesmente sabe que é isso que precisa fazer. E consegue começar a se alegrar com aquela realidade, mesmo que aquela realidade traga para ela uma dificuldade, um padecimento. Não tem problema, porque está gerando luz, gerando atenção, gerando e formando uma criança. Não só no seu ventre, mas ao longo de toda a sua vida. A imaginação que vai fazendo com que nos transformemos numa vítima, aquilo que era uma coisa pequena, começará a se transformar numa coisa

gigante, e começamos a ficar com pena de nós. Ficamos com pena de nós, e desejamos que os outros tenham pena também.

Nós precisamos ser essa vela que se consome e produz luz. E produz de fato vida, não só de dar a luz numa gestação, como dar a luz a novas vidas. A uma criança, para sempre. Estando na infância, estando na adolescência, etc.

A paciência é, portanto, uma manifestação da virtude da fortaleza. A virtude da fortaleza é que nos leva a resistir às dificuldades, ao sofrimento, ao cansaço, sem cair em queixa nem desânimo. É possível sermos assim, e isso não é uma questão de reprimir as coisas que estamos sentindo. Se você está vendo dessa forma, você não está entendendo.

Um coração grande, uma alma grande, é capaz de sofrer, padecer, com elegância. Porque na verdade é um sofrimento que sabe que gera luz. E ela deseja fazer isso. Não é um sofrimento e ponto. A paciência e a compreensão, ao compreender o nosso papel, não são aliadas à passividade. Ser uma pessoa paciente, não é ser uma pessoa passiva, que não tem personalidade. Ser paciente, muito pelo contrário, exige de nós uma fortaleza muito grande. Exige de nós um autocontrole, uma temperança, exige de nós vermos as coisas com um olhar grande. Exige de nós pensarmos em soluções eficazes, que não sejam meramente tempestivas e violentas. Uma pessoa impaciente quer resolver tudo na base da violência, do grito, da força, e não é assim que precisamos fazer.

Padecer com elegância, é pensar em soluções eficazes que não precisamos lançar mão disso. E ter uma mãe assim, paciente, estável, que não grita, que tem essa visão em relação ao próprio filho, em relação a própria vida, é muito necessário.

A repetição na educação dos nossos filhos, é algo que é assim. repetir uma e outra vez. Quando temos uma reação “quantas vezes eu vou precisar te dizer para fazer isso e aquilo”. É próprio de alguém que não entende o que é educar uma pessoa. Claro que temos que colocar os meios para formar bons hábitos nos

nossos filhos para não ficarmos repetindo uma e outra vez. Para uma criança de dez anos não precisamos ficar repetindo se criamos bons hábitos lá atrás.

Agora, repetir, repetir, sempre as mesmas orientações, isso é próprio do processo educativo. Aprender a reagir com serenidade, é algo que precisamos para conseguir ter essa paciência. Vocês já ouviram falar, manter a linha de base no relacionamento com os nossos filhos, servir de base segura de exploração dos nossos filhos, ser uma âncora de estabilidade para os nossos filhos. Isso tudo conseguimos com a virtude da paciência.

Quando temos a virtude da paciência, nós conseguimos ter um olhar sereno para as coisas. E reagir de maneira mais tranquila, e muito mais eficaz. Porque quando somos essa âncora de estabilidade, essa base de exploração, quando temos essa linha de base firme, as crianças confiam em nós, elas conseguem chegar mais perto.

Sabe quando um leão está rugindo o tempo todo? Nós temos medo de chegar perto. Nós não podemos desejar sermos isso para os nossos filhos. Nós temos que desejar que sejamos um remanso de paz e alegria, que chegando perto de nós, eles vão saber “aqui de fato consigo descansar”.

Ter paciência, aprender paciência, não é pouca ciência. Nós precisamos de fato ir treinando a paciência, é possível que façamos isso, um e outro dia, sabermos calar, parar um pouco, quem tem fé pedir a virtude da paciência. Para que consigamos ter de fato um coração manso, tranquilo, porque isso aproxima as pessoas de nós. Nós nos tornamos pessoas confiantes, de confiança.

Se os nossos filhos estão querendo nos contar algo, que não foram bem, que não agiram de uma forma boa, e ele sabe que sempre reagimos de forma intempestiva, em que estamos gritando, que queremos colocar sempre a nossa opinião sem termos a virtude de parar, pensar, ouvir, não reagir logo. Eles vão acabar tendo muita dificuldade de nos acessar. Que não sejamos essa pessoa. Que tenhamos de fato paciência, e sejamos essa estabilidade na nossa casa.

Espero que tenha saboreado um pouco o que é ser paciente, e busque de fato, persiga essa virtude, porque ela irá trazer muitos benefícios para a sua vida materna.

**Com carinho,
Samia Marsili**